

A fala de gays sertanejos: aproximações e distanciamentos discursivos em duas gerações

The gay sertanejo speech: discursive similarities and differences between two generations

Deivid Luiz de Souza Ferraz

Graduando em Letras - UFRP/Unidade Acadêmica de Serra Talhada | deivferraz@gmail.com

Jamillys Maiara da S. Nogueira

Graduanda em Letras - UFRP/Unidade Acadêmica de Serra Talhada | jamillys.nogueira@gmail.com

Daniel da Silva Carvalho

Doutor em Linguística - Universidade Federal da Bahia | danielcarvalho@ufba.br

Virgínia Cavalcanti Pinto

Doutora em Psicologia Clínica-UFRP/Unidade Acadêmica de Serra Talhada | giniapinto@yahoo.com.br

Dorothy Bezerra Silva de Brito

Doutora em Linguística - UFRP/Unidade Acadêmica de Serra Talhada | dorothybsb@gmail.com

Renata Livia de Araújo Santos

Doutora em Linguística - UFRP/Unidade Acadêmica de Serra Talhada | renatalivia@gmail.com



Resumo

Este artigo discute aspectos linguístico-discursivos da fala de homens cis homossexuais do sertão pernambucano, divididos em duas faixas etárias, tendo o suporte teórico-metodológico da terceira onda dos estudos sociolinguísticos (PODESPA, 2002). Para a análise dos aspectos discursivos, tomamos as contribuições sobre a ideia de discurso de Foucault (1970/2011) e a compreensão de gênero trabalhada por Butler (2010). O fator faixa etária mostrou-se irrelevante nos aspectos discursivos observados e concluímos, através das produções discursivas em análise, que apesar de o processo de (re)conhecimento da homossexualidade trazer sofrimento psíquico e assumir uma posição de sujeito diferente do que produz a norma ele constrói uma resistência pessoal e política que rompe com modelos sociais hegemônicos, especialmente numa cultura tão fortemente marcada pelo machismo como é a sertaneja.

Palavras-chave: Variação linguística. Gênero. Homossexuais masculinos sertanejos.

Abstract

In this paper, we discuss linguistic and discursive aspects of the speech of male cis homosexuals from the state of Pernambuco inlands, following the third wave of the sociolinguistic studies (PODESPA, 2002). The subjects were distributed in two age groups. Intending to analyze the discursive aspects of their speech, we assumed Foucault's (1970/2011) contributions on the notion of discourse and Butler's (2010) work on gender. The age factor proved irrelevant on the discursive aspects which were selected for the analysis and we concluded that, despite the homosexuality recognition surfacing psychic suffering, assuming a non-standard position is a way for the studied subjects to build personal and political resistance against a cultural pattern which is strongly marked by chauvinism and gender prejudice.

Keywords: Linguistic Variation. Gender. Backcountry male homosexuals.

Introdução

Este artigo tem como ponto de partida a observação cada vez mais frequente da diversidade linguística em comunidades formadas pelas consideradas “minorias”, como, por exemplo, a comunidade homossexual¹, assim como a observação sobre a interferência da linguagem na formação do sujeito. A fala dessa parcela da população, assim como a de qualquer outra comunidade linguística, varia consideravelmente a depender dos contextos em que é empregada; cada contexto social engatilha um comportamento linguístico distinto, que repercute na maneira pela qual as pessoas se reconhecem ou são reconhecidas pessoal e socialmente. A escolha de informantes homossexuais masculinos deriva do fato de que, em seus trabalhos mais tradicionais, os quais são, conseqüentemente, referências para os seguintes, a sociolinguística desconsidera como informante relevante o indivíduo que apresenta características de fala que divergem dos padrões impostos pela sociedade para o seu sexo biológico, nesse caso, homens cis² com características de fala ditas como “femininas”. A consideração desse grupo e das particularidades dos seus usos linguísticos propõe, então, uma quebra dos paradigmas tradicionais no estudo linguístico.

O presente trabalho objetivou investigar aspectos discursivos da fala de homens cis homossexuais do sertão pernambucano a partir da análise de entrevistas de quatro informantes: dois com idade entre 18 e 25 anos e os outros dois acima de 36 anos. Buscamos caracterizar essas falas em diversos aspectos, tais como linguísticos, discursivos e sociais. Este trabalho é um pequeno recorte do projeto “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays pernambucanos”, desenvolvido conjuntamente entre a Universidade Federal da Bahia e a Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que procura observar a diversidade linguística em comunidades formadas pelas consideradas “minorias”, como a comunidade homossexual, por exemplo, cuja descrição dos usos linguísticos

¹ Assumiremos neste trabalho uma distinção entre *homossexual* e *gay*, sendo o primeiro um conceito relativo ao desejo sexual e afetivo de indivíduos do mesmo sexo (FRY; MACRAE, 1985, p. 7), isto é, a orientação afetivo-sexual entre indivíduos do mesmo sexo biológico; enquanto o segundo tem relação com o universo cultural que circunda (mas não se restringe a) os indivíduos homossexuais. Por questões de análise, manteremos a expressão *comunidade homossexual*, mas somos conscientes de sua limitação.

² *Cis-* é um prefixo latino que significa “do lado de cá” e se opõe ao prefixo *trans-* (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/cis->>. Acesso em: 2 set. 2016). Assumiremos para nosso estudo a definição de *cis-* extraída de Crethar e Vargas (2007, p. 61) para os estudos da sexualidade: “*Cisgênero* é a expressão usada quando a identidade de gênero de um indivíduo corresponde ao seu sexo nativo (por exemplo, homens masculinos e mulheres femininas). Conseqüentemente, *cisnormatividade* é a assunção e/ou crença de que todo homem é/deve ser masculino e toda mulher é/deve ser feminina”.

não é contemplada, como já dito, nos estudos da sociolinguística tradicional. Fruto desse projeto maior, a presente pesquisa traçou, a partir do embasamento teórico dos estudos de Podesva (2002), Cheshire (2005), Mendes (2011) e Freitag, Martins e Tavares (2012), um rápido paralelo entre as divergências e as aproximações discursivas que apareceram nas falas desses informantes durante a coleta de dados orais (entrevistas). Analisamos, especificamente, as respostas dos informantes às seguintes questões: “Para você, foi mais fácil aceitar-se como homossexual ou ser aceito?” e “O que você diria para um jovem cuja família não aceita sua orientação sexual e que sofre discriminações constantes nos diversos ambientes que frequenta?”. Para tanto, fizemos uso do quadro teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2001), lançando mão de vertentes da chamada terceira onda dos estudos sociolinguísticos, preconizada por Podesva (2002), assim como dialogamos com produções pós-estruturalistas, ressaltando as contribuições sobre a ideia de discurso de Michel Foucault (1970/2011) e a compreensão de gênero trabalhada por Butler (2010).

Nesse intuito, dividimos o presente artigo em três seções. Na primeira, intitulada “A distinção gênero/sexo e a sociolinguística”, discutimos os conceitos de gênero e sexo, lançando mão da noção que Eckert e McConnell-Ginet (2003) assumem e da proposta de Eckert (2000) sobre os estudos da variação linguística, em que o gênero passa a ser uma construção social que ocorre em práticas sociais, as quais se vinculam a outras categorias sociais. Na segunda seção, “Caracterização discursiva e social do gênero”, tentamos abordar a problemática do gênero a partir dos discursos dos informantes deste trabalho, levando em consideração a perspectiva de Foucault (1970/2011) sobre discurso e a de Butler (2010) sobre gênero. Por último, na seção de análise, procuramos realizar uma reflexão sobre se as diferentes faixas etárias podem interferir nos discursos dos homossexuais masculinos do sertão pernambucano, traçando um paralelo entre as respostas obtidas durante a gravação de entrevistas, a partir da análise das falas dos quatro informantes.

A distinção gênero/sexo e a sociolinguística

A respeito dos conceitos de gênero utilizados nos estudos sociolinguísticos, Wodak e Benke (1997) afirmam que as pesquisas correlacionando linguagem e gênero tiveram início com os trabalhos de Labov, nos anos 1960. Nessa tradição, gênero é visto como sexo biológico, não sendo feitas considerações acerca de sua construção social. A intenção, nesse caso, é mostrar a correlação existente entre as variáveis linguísticas e o sexo (entre

outras categorias sociais) e, com isso, como o gênero é controlado da mesma forma que a escolaridade, a idade ou a classe social – importando, apenas, na medida em que é passível de ser estatisticamente medido.

Na tentativa de distinguir gênero e sexo, Chambers (1995), por exemplo, define duas categorias de variação:

I. Baseada no gênero (*gender-based variability*) – nesse caso, as diferenças linguísticas são explicadas em termos dos papéis desempenhados por homens e mulheres em relação à sua mobilidade em uma dada comunidade: quanto menor for o contato social e a variação geográfica de homens ou mulheres, maior será o uso, por esses indivíduos, das variantes do seu grupo de contato. Exemplo: Nichols (1983 *apud* CHAMBERS, 1995) identificou, em uma comunidade de pessoas negras na Carolina do Sul (Estados Unidos), que os homens tendem a utilizar as variantes do dialeto local mais frequentemente do que as mulheres. Explicação: esses padrões não são explicados pela questão do gênero em si mesmo, mas refletem diferenças individuais e grupais em relação à mobilidade e às interações com grupos não nativos. As mulheres, por exemplo, tendem a se deslocar geograficamente e a ter relações sociais mais diversificadas do que os homens.

Nesse tipo de variação, o gênero desempenha um papel secundário em relação à mobilidade, tratando-se, portanto, de uma variação baseada nesta e não no gênero. A justificativa de Chambers (1995) para o nome atribuído a esse tipo de variação é a de que a mobilidade é determinante na existência de diferenças linguísticas entre homens e mulheres.

II. Baseada no sexo (*sex-based variability*) – nesse caso, explicam-se as diferenças linguísticas a partir de diferenças biológicas (neuropsicológicas) entre homens e mulheres, que existem mesmo quando os papéis atribuídos ao gênero são ausentes (CHAMBERS, 1995). Exemplificando, testes demonstram que: as mulheres possuem mais vantagens do que os homens em relação ao comportamento verbal; os homens tendem a apresentar distúrbios verbais mais frequentemente do que as mulheres; eles são mais propensos a apresentar distúrbio de leitura e afasia (após caso de acidente cerebral); e são quatro vezes mais propensos a sofrer de autismo infantil e de dislexia do que as mulheres (CHAMBERS, 1995).

Correlacionando os dois tipos de variação, Chambers (1995) levanta a hipótese de que a tendência de as mulheres assumirem papéis (relacionados ao gênero) que exijam maior mobilidade do que os homens pode ser o resultado (e não a causa) de sua vantagem sociolinguística inata.

Apesar de estipular essas duas categorias de variação, percebe-se que o autor é bastante tradicional ao pautar a questão do gênero no sexo biológico e não no processo de produção da identidade ao qual o gênero – tido como construção social – está interligado. Na mesma direção estão os estudos de Labov.

Diferentemente dos autores acima, Eckert e McConnell-Ginet (2003) defendem que ambas as categorias – sexo e gênero – não podem ser consideradas sinônimas, visto que a segunda é a elaboração social da primeira. Para as autoras, a dicotomia menina-menino, por exemplo, é a primeira a partir da qual a nossa identidade é formada. Meninas e meninos aprendem a ser femininas ou masculinos através das práticas sociais que existem nas diversas comunidades às quais eles pertencem. Assim, tem-se que: (i) meninas e meninos são tratados diferentemente por seus pais em relação ao padrão linguístico que eles utilizam, à maneira pela qual eles brincam com seus filhos ou aos brinquedos que eles escolhem para suas filhas e filhos; (ii) as meninas e os meninos se envolvem com os mesmos grupos sexuais durante grande parte da infância, o que significa que meninas e meninos são socializados em diferentes culturas de gênero – o que, por sua vez, influencia o comportamento verbal que elas/eles desenvolvem.

Eckert (2000) propõe que os estudos da variação linguística tenham como lócus de análise as comunidades de prática, que podem ser entendidas como espaços interacionais de construção de significados sociais onde as identidades, tanto individuais como grupais, estão sendo constantemente construídas. Assim, o gênero é uma construção social que ocorre em práticas sociais, as quais se vinculam a outras categorias sociais. Em sua teoria da variação, tida como prática social, Eckert (2000) olha para os falantes como sujeitos que, ao se inserirem em práticas sociais, constituem categorias sociais e constroem (e respondem a) o significado social da variação. Com isso, é inerente ao fenômeno de variação/mudança linguística o processo de constituição da identidade dos indivíduos, pois é nesse processo (que envolve também a constituição do gênero) que as variáveis linguísticas assumem valor social.

Essa abordagem do gênero se enquadra naquela que é considerada a terceira onda nos estudos sociolinguísticos. A sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões observáveis de comportamento linguístico nas práticas de uso, ocupando-se, assim, das relações entre língua e sociedade por meio da investigação empírica. Seu enfoque está destinado, principalmente, aos usos linguísticos concretos e ao caráter heterogêneo da língua. Em seus desenvolvimentos, considera-se que a sociolinguística apresenta três níveis de análise distintos, chamados de “ondas”: A primeira onda, através do

estabelecimento dos fundamentos para o estudo da variação linguística, ressalta as correlações existentes entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe socioeconômica, sexo, idade, escolaridade etc.; a segunda tem como característica o estudo etnográfico de populações mais localmente definidas; a terceira, por fim, apresenta como foco a variação linguística, como um recurso para a construção de significado social, pondo em xeque a delimitação das categorias selecionadas como relevantes pelos estudos da primeira onda (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012).

Caracterização discursiva e social do gênero

Consideramos, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, que os discursos não são simples atos de fala, mas trazem consigo toda uma carga de produção pessoal e cultural que denuncia o jogo de relações de poder social. “O pós-estruturalismo é contrário a todas as formas de essencialismo, determinismo e naturalismo” (WILLIAMS, 2012, p. 27). Assim, a discussão sobre o gênero por esse olhar refuta a ideia de uma possibilidade de naturalidade ou pureza sobre o tema, transcendendo possíveis determinações de caráter biológico.

Para Foucault (1970/2011), toda produção do sujeito é atravessada pelo discurso e este emerge dentro de condições de possibilidade específicas (sociais, políticas, econômicas etc.), que, por sua vez, o constituem. Assim, sendo o discurso compreendido como conjunto de enunciados que constrói objetos e uma variedade de posições de sujeito (PARKER, 1994), não pode ser pensado a partir de uma cisão entre o que é discursivo e não discursivo, tampouco como o ato de falar, pois é uma prática, caracterizando-se também como um posicionamento político. Nesse sentido, o discurso, por exemplo, sobre gênero, se sedimenta a partir de condições de possibilidades sociais específicas para sua emergência, configurando-se por meio de uma rede social em que as relações de poder tensionam as discussões sobre o tema.

O poder não é uma substância, não pertence a alguém ou a uma instituição e se encontra enredado nas relações humanas. Em consonância com o saber, ele é capaz de produzir verdades que atravessam significativamente os modos de subjetivação das pessoas. Podemos citar, como exemplo, a compreensão social de que as relações heteronormativas são consideradas aceitas ou corretas em detrimento das homoafetivas. Ao se tomar o discurso heteronormativo como soberano e legítimo, compreende-se, então, que as relações homoafetivas estão sendo apontadas como subversivas e de grau valorativo inferior. Esse jogo do que socialmente é ou deve ser aceito no

que diz respeito à discussão sobre gênero permeia e interfere no modo como as pessoas veem a si mesmas em seus processos de reconhecimento.

Tal discursividade produz normas que materializam e regulam o gênero dos sujeitos em sociedade. Essa produção, porém, não se dá ao acaso, tampouco de forma instantânea. Trata-se de um processo social que se inicia desde a mais tenra infância ou, por que não afirmar, desde que se sabe o sexo do bebê, quando este ainda está no ventre, pois em torno dele existe uma expectativa normatizadora em relação ao gênero a ser desenvolvido, numa perspectiva linear (LOURO, 2008).

Para Butler (2010), essas normas regulatórias precisam ser repetidas e reiteradas para a produção da materialização dos corpos, mesmo que eles possam escapá-las. Nesse sentido, o discurso é capaz de produzir aquilo que por ele é nomeado, portanto, ao declarar algo sobre o sexo dos corpos, eu os realizo, os materializo.

É exatamente isso que caracteriza a performatividade, ou seja, esse fenômeno ocorre quando a linguagem, que faz referência ao sexo ou ao corpo, não apenas os constata ou os descreve, mas os nomeia, passando, a partir disso, a ser também construído. Ainda segundo essa autora, a materialização do sexo marca uma diferença sexual que serve à normatividade heterossexual e excludente, indicando a existência das relações de poder nesse processo.

O conceito de performatividade foi desenvolvido inicialmente por Austin (1998), o qual situa a linguagem não apenas como algo que descreve simplesmente um estado ou uma ação, mas como a produção do acontecimento de alguma coisa, realizando, efetivando.

Diante de tamanha significação do papel da discursividade nesse processo performático, não se pode admitir então, ainda de acordo com Butler (2010), que o gênero seja uma construção cultural imposta simplesmente sobre os corpos diferenciados biologicamente, sendo correto pensar que o sexo deve ser compreendido na normatividade do corpo, ou seja, ele é a norma que torna esse corpo viável, qualificando-o, tornando-o inteligível culturalmente.

Nesse sentido, o reconhecimento do gênero aponta para a constituição da identidade dos sujeitos. Segundo Silva (2000), a identidade não é uma positividade, ou melhor, não é um evento autônomo, e a supremacia de sua eleição não acontece ao acaso. Na verdade, trata-se de uma produção simbólica e discursiva no campo social que está atrelada às relações de poder que demarcam fronteiras de identificação, a partir de processos como exclusão, pertencimento, hierarquização e classificação.

O autor também afirma que essa produção da identidade encontra-se atrelada a atos de criação linguística num determinado contexto social, com sistemas próprios de significação dotados de instabilidade em sua configuração, ou seja, essa mesma linguagem que é capaz de fixar identidades também pode abrir brechas nesse processo para a não regularidade e indeterminação.

Análise: dados e discussão

Intencionando realizar uma reflexão sobre como as diferentes faixas etárias podem interferir nos discursos dos homossexuais masculinos, mais especificamente de homens cis homossexuais do sertão pernambucano, traçamos um paralelo entre as respostas obtidas durante a gravação de entrevistas, a partir da análise das falas de quatro informantes: dois com idade entre 18 e 25 anos (faixa etária 1) e os outros com idade acima de 36 anos (faixa etária 3). Através de subseções, analisaremos os seguintes aspectos discursivos na fala dos informantes: i) a comparação entre a dificuldade da autoaceitação e da aceitação por parte da sociedade; ii) a relação entre a independência financeira do homossexual e a sua aceitação pela sociedade; e iii) a crença em relação à nomenclatura a respeito da origem da sexualidade do homossexual enquanto condição, orientação ou opção. Os dados referentes aos aspectos (ii) e (iii) foram obtidos de forma indireta, mas nos chamaram atenção pela recorrência na fala dos informantes. Em cada subseção, será apresentada uma seleção de trechos das respostas às questões utilizadas para análise, a fim de sustentar a nossa análise sobre os aspectos linguístico-discursivos das falas dos informantes.

Para fins de compreensão, esclarecemos que, nas transcrições apresentadas, as informações que constam entre parênteses são observações do entrevistador, os dois pontos representam o alongamento da vogal (: - alongamento breve, :: - alongamento maior), a repetição gráfica do fonema representa uma ênfase discursiva (Então, maissss) e as palavras escritas em letra maiúscula representam a ênfase dada pelo informante na sua fala.

i) Comparação entre a dificuldade da autoaceitação e da aceitação por parte da sociedade

Este aspecto foi analisado a partir das respostas dos informantes à questão *Para você, foi mais fácil aceitar-se como homossexual ou ser aceito?*

Quanto à dificuldade de aceitação, identificamos que não há um discurso consensual entre os informantes pertencentes à mesma faixa etária, uma vez que, na faixa etária 1 (18 a 25 anos), o informante A responde que a aceitação pela sociedade é a mais difícil, enquanto o informante B declara que a autoaceitação apresenta mais dificuldade, como podemos observar nos trechos selecionados abaixo:

Eu acho que é mais difícil as pessoas aceitarem porque primeiro ponto, assim, primeiro lugar (longa pausa, mão no queixo) pensando novamente na resposta, quer dizer, eu acho que mais difícil é a pessoa é você lidar com a rejeição das pessoas quando você não se aceita, mas a partir do momento que você se aceita, né, que você se identifica, você não, apesar, né, das pessoas dizem, assim, digam ou façam, você não vai tá ligando, você não vai se importar. Eu acho mais fácil você se aceitar do que você não ser aceito, né. (Informante A).

Então, eu nunca ti:nha, eu nunca ti:nha ... (pensativo) tentado medir qual dessas duas coisas foi mais difícil pra mim. As duas foram, maisss é:: [...] mas acho que olhando então agora e refletindo (sempre olhando pro lado, longe) eu acho que...que se aceitar, talvez do:a um pouco mais porque a gente ... como a gente sofre preconceito, enfim, tal. A gente né, tem esse sofrimento, é uma dor que a gente tá sentindo, então, talvez, doa um pouco mais, porque, por exemplo, é: se alguém não aceita é problema dela e tal, claro eu vou ficar mal, poxa aquela pessoa me olha diferente, enfim, mas é um problema mais dela do que meu. Então, eu aceitação, eu acho que pra maioria das pessoas ela é um pouco mais dolorida do que ser aceito pela sociedade. (Informante B).

O mesmo ocorre com a faixa etária 3 (36 a 45 anos), em que o informante C responde que a autoaceitação é mais fácil, enquanto o informante D afirma que a aceitação pela sociedade o é.

Foi mais eu me a.. eu me aceitar... li-te-ral-men-te.. eu me aceitei numa boa.. até porque eu fui noivo de mulher, né? Eu comecei namorando com mulher... até eu perceber que eu não ia ser feliz.. aí eu chamei minha família todinha.. prum jantar... e contei a ela.. da minha condição... (Informante C).

I: obviamente é... (pausa para analisar) obviamente eu me aceitar..isso... (pausa e respira reflexivo)

E: mas por que isso assim? Porque assim às vezes acontece de... de... por mais que possa parecer uma pergun-

I: não.. Não.. Porque a partir do momento eu sou assim a partir do momento que você se aceita aí as outras pessoas vão lhe respeitando... eu tive muito bloqueio assim...

eu num sô nem de tá.. sabe? num sei talvez a gente.. num sei eu já confiei em você de primeiro momento (dá uma risada rápida) isso eu num tô.. converso com todo mundo né? Com todo mundo e..e.. num é a primeira.. mas assim eu demorei muito tempo pra me aceitar... não em assumir porque assumir eu num sei o que é ASSUMIR.. eu num sei o que é assumir o que é aceitar acho que dá no mesmo é se aceitar e pronto (desvia o olhar e fala em tom de reprovação) eu acho que se assumir é... eu demorei muito tempo viu? Mu::ito tempo me:smo: logo porque eu nasci nos anos sessenta.. eu sou do final dos anos sessenta.. minha adolescência foi.. na-na-na repressão.. na época da repressão.. a ditadura.. estudei numa escola totalmente repressora isso tudo foi.. né.. foi favorecendo para que eu.. não.. me aceitasse.. também anos oitenta... – fala algo muito rápido – foram os anos de chumbo..né? Época de..enfim.. aí.. isso tudo contribuiu pra não aceitação.. meSmo.. enquanto pessoa

E: mas aí quando aconteceu isso aí o senhor

I: (interrompe com a voz mais aguda) eu fui me aceitando assim... (a voz volta para um tom mais grave) lendo sobre tudo..convivendo com outras pessoas... eu frequentei (pausa longa) eu frequentei analistas né? Psicólogos né? Eu frequentei pra acompanhar EU NUM ME ACEITAVA NÉ!..EU NUM QUERIA... acho... (pausa longa) assim... eu vou ser evasivo com você...

E: Não... tudo bem...

I: eu não sei se foi assim com você... mas as pessoas que nasceram pós anos oitenta... que nasceram nos anos noventa... nos anos dois mil já tiveram mais facilidade mas no meu caso era visto como uma coisa assim... era visto como safadeza, não era visto como uma coisa ge-NÉ-tica entendeu? O que eu acredito que seja porque eu não pedi pra nascer assim e num é doença porque se fosse doença eu já tinha me curado porque eu tentei de tudo..e enfim.. e se fosse pra nascer de novo... se chegasse... você tem o direito de nascer de..(fala algo ininteligível) eu ia dizer eu quero nascer homem... eu não queria as... o hoje os gay nasce AI QUE MARAVILHA! (fala representando uma empolgação de forma caricata e irônica) comé bom! (bate na perna) eu num... num... Mas eu não sou traumatizado por ser NÃO!... mas eu... assim demorei muito... Depois de vinte anos foi que eu vim me aceitar! Vinte... trinta anos... acho que trinta e cinco anos foi que eu vim me aceitar... (Informante D)

É perceptível a maior extensão da resposta do informante D em relação às respostas dos demais informantes. Escolhemos transcrever a íntegra da sua resposta nesta análise por acreditar que a longa reflexão presente na materialidade discursiva de sua resposta evidencia que aceitar-se ou sentir-se aceito relaciona-se com o modo como a subjetividade do sujeito se constrói ao longo de sua constituição, considerando para tal a maneira pela qual o sujeito compreende sua inserção no processo sócio-histórico, construído a partir da rede social e das relações de poder que atravessam as relações humanas.

ii) Relação entre a independência financeira do homossexual e a sua aceitação pela sociedade

Este aspecto surge para análise de forma indireta, a partir de discursos que emergem em respostas dadas ao longo de toda a entrevista. Seleccionamos para ilustração trechos da fala dos informantes da faixa etária 3:

E: Ai... agora... deixo vê... falar sobre essa questão... sua família aceita sua condição sexual?

I: Aceita! No momento que eu passei a ter minha independência financeira meu amigo então..ou aceita ou-ou-ou-não-ou aceita... ou aceita ou aceita. Eu acho assim que o problema, a intolerância, o preconceito está em você não ter condições, entendeu? no momento que... minha família não... me adora!... graças a Deus meus irmãos..

Eu tenho uma irmã que mora em Belo Horizonte ela me adora... meus irmãos... graças a Deus... meus sobrinho... (fala algo ininteligível) nunca tive desrespeitado por nenhum deles... mas é porque eu sou independente né? Se eu dependesse deles a história era outra... (Informante C)

Não... assim... a primeira coisa que um jovem tem que fazer é que ele precisa conquistar sua autoestima né?... e saber se aceitar primeiro... ele tem que se aceitar até porque tem o conflito do jovem homossexual não querer se aceitar né... porque ele começa namorando... é... ele começa recuando... se isolando... entendeu? Com medo da família... com medo de ser percebido... o que ele tem que fazer? Primeiro ele tem que se aceitar... e assim... primeiro ele tem que conquistar sua independência... porque... eu... aí quando digo independência eu digo assim tem que conquistar seu emprego... ter uma profissão... ganhar o... ganhar o seu próprio dinheiro... (Informante D)

No que concerne à relação entre aceitação e independência econômica, é unânime a citação pelos informantes de que, a partir do momento

em que o sujeito se torna independente do auxílio financeiro dos pais e da família para viver, ele também conquista a liberdade para vivenciar a sua sexualidade de maneira mais aberta, tanto no que diz respeito a sua família quanto à sociedade em geral.

A autonomia financeira surge quase como uma garantia ou uma legitimação social de liberdade para seguir o caminho sexual com o qual a pessoa se identifica. Se, de um lado, estar na casa dos pais, por exemplo, significa submeter-se ao poder, na maioria das vezes heteronormativo, de quem a sustenta, por outro lado, quem responde financeiramente por si mesmo está em condições de “ditar” como pretende viver. É exatamente essa oscilação do poder nas relações que o apresenta de modo fluido e dinâmico, sendo capaz de interferir diretamente no modo de subjetivação das pessoas.

iii) Crença em relação à nomenclatura a respeito da origem da sexualidade do homossexual enquanto condição, orientação ou opção

A análise deste aspecto é realizada a partir das respostas obtidas para a questão *O que você diria para um jovem cuja família não aceita sua orientação sexual e que sofre discriminações constantes nos diversos ambientes que frequenta?*, restringida pela questão *A família aceita sua condição sexual?*. O uso inadvertido, por parte do entrevistador, da palavra *condição* propiciou o surgimento nas falas dos informantes da reflexão sobre a nomenclatura referente à origem da sua sexualidade, como podemos observar nos trechos selecionados abaixo:

Assim, a família, a família em si, não tem conhecimento. Alguns membros da minha família desconfiam, mas não comentam comigo. Uma pessoa que agora sabe, que eu compartilhei e sabe que tô namorando também, é minha mãe (entonação). E ela aceita e me apoia. A questão é que no ambiente que nos encontramos não é viável, que eu possa falar ou que eu possa ser abertamente o que eu sou. (Informante A).

Condição não, orientação, mulher mude esse condição (fiz sinal de minha própria reprovação) não, não (como quem não se ofendeu) Só não diga opção, porque a gente não opta. Pode ser condição e orientação, mas eu acho que melhor ainda é orientação. Sim, eles aceitam. (Informante B).

Aceita! No momento que eu passei a ter minha independência financeira meu amigo então..ou aceita ou-ou-ou-não-ou aceita... ou aceita ou aceita. Eu acho assim que o problema, a intolerância, o preconceito está em você não ter condições, entendeu? no momento que... minha família não... me adora!...

graças a Deus meus irmãos.. Eu tenho uma irmã que mora em Belo Horizonte ela me adora... meus irmãos... graças a Deus... meus sobrinho... (fala algo ininteligível) nunca tive desrespeitado por nenhum deles... mas é porque eu sou independente né? Se eu dependesse deles a história era outra... (Informante C).

EU não acredito nessa história de que a BÍ-BLIA condene o homossexualismo... que Deus condena isso... de forma alguma! A-a-lgumas religiões... pregam isso... Aí a... aí... é... tem homossexuais que procuram ser evangélicos... pra justamente ser aceito... né... pra fugir daquilo ali... é... achando que vai... é... é... não, tá crian... a condição está dentro da pessoa... o próprio nome diz... é condição... é ne-ces-si-da-de! Entendeu? Então não adianta você... é... eu tenho amigos que são homossexuais e que casaram com mulheres e são totalmente infelizes... então... são infelizes... fazem a mulher infeliz... aí tem filhos... né?... [...] e como a gente vive numa sociedade pre-con-cei-tu-o-sa aí acaba sofrendo to-do mun-do... (Informante D).

A respeito da *crença em relação à nomenclatura* para a origem da sexualidade do homossexual, não encontramos nenhuma pista discursiva na fala do informante A acerca da designação utilizada pelo entrevistador ao formular a pergunta (nesse caso, *orientação*), nem sobre outras possíveis designações, dentre as quais selecionamos *condição* e *opção*, por aparecerem nas falas dos outros informantes. No que concerne às crenças em relação à nomenclatura referente à origem da sexualidade de indivíduos homossexuais, o informante B expressa avaliações negativas para as alternativas *condição* e *opção*, selecionando a nomenclatura *orientação* como a mais adequada; o informante C apenas avalia negativamente a nomenclatura *opção*, sem fazer referência às duas outras alternativas; e o informante D afirma discursivamente a sua crença na adequação da nomenclatura *condição* para a origem da sua sexualidade, sem citar as duas outras alternativas na sua resposta.

O aspecto discursivo (iii) apresenta o ponto mais divergente da nossa pesquisa, que acarreta e implica a necessidade da associação de estudos de diversos campos do conhecimento, tais como a sociologia, a psicologia e até a própria biologia. Segundo Ferraz (2008, p. 1), “o termo orientação sexual é considerado mais apropriado do que opção sexual ou preferência sexual. [...] Estudos recentes realizados dentro da sexualidade mostram que ainda na infância a tendência sexual começa a se desenhar [...]”.

Refletimos que muito mais do que pensar numa questão de escolha, é necessário ponderar sobre a relação entre *identidade* e *subjetividade*. Esta última trata de uma compreensão própria de si mesmo que envolve

pensamentos e emoções e, apesar de sugerir uma dinâmica interna de funcionamento, está atrelada a um contexto social no qual vivemos nossas experiências, as quais recebem significado a partir da cultura e da linguagem em que estamos inseridos (WOODWARD, 2000).

Assim, não há uma identidade, pois as posições que as pessoas assumem e com as quais se identificam são o que constitui as identidades, no plural, uma vez que estas dizem das várias formas e posições de sujeito assumidas durante a existência. A subjetividade, nessa questão, permite que se entre em contato com os sentimentos e a compreensão pessoais dos processos que envolvem a produção das identidades.

Entretanto, a relação entre identidade e subjetividade nem sempre é harmônica ou saudável – não no sentido médico, mas no de aceitação própria –, já que se aceitar como diferente, no universo de referência social heteronormativo, não parece ser um exercício simples, uma vez que implica se colocar num campo de forças pessoal, além de lutar constantemente pela conquista de um espaço social e político (HALL, 2000).

Ao admitir o caráter plural das identidades, Hall (2000) nos propõe que as pensemos como um processo, e não como algo estanque ou definido, afinal de contas a identidade não é uma sentença. Nesse caso, o autor sugere que falemos sobre processos de identificação, uma vez que estes se apresentam como possibilidade de adotarmos nossas várias identidades sem que, ao fazê-lo, estejamos assumindo um posicionamento definitivo, dado que, conforme sua ideia, esses processos de identificação, produzidos a partir da subjetivação, permitem a flexibilização de se assumir uma identidade ou deixá-la.

Desse modo, ao tratarmos de gênero, talvez não devêssemos usar os termos orientação, opção ou preferência sexual, uma vez que as nomenclaturas marcam, restringem e não dão conta de abarcar o que talvez elas desejem de fato expressar. Talvez devêssemos refletir sobre algo que se aproxime de “vivência da sexualidade”, pois ampliamos o olhar sobre a questão, assim como temos a oportunidade de acolher diferentes possibilidades.

Além disso, é importante pontuar que o reconhecimento de uma identidade homossexual não é um evento dado, mas um processo que apresenta em sua construção o atravessamento de fatores que pode imprimir marcas na constituição da subjetividade do sujeito.

A partir das respostas apresentadas, elaboramos o quadro comparativo abaixo a fim de sistematizar os pontos discutidos:

Quadro 1: Comparativo de análise das respostas no que diz respeito à dificuldade de aceitação, à relação entre aceitação e independência econômica e à crença em relação à nomenclatura referente à sexualidade

INFORMANTES	DIFICULDADE DE ACEITAÇÃO		RELAÇÃO ENTRE ACEITAÇÃO E INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA	CRENÇA REFERENTE À NOMENCLATURA		
	AUTO-ACEITAÇÃO	ACEITAÇÃO DA SOCIEDADE		CONDIÇÃO	ORIENTAÇÃO	OPÇÃO
Informante A (faixa etária 1)	-	+	-	∅	∅	∅
Informante B (faixa etária 1)	+	-	-	-	+	-
Informante C (faixa etária 3)	-	+	-	∅	∅	∅
Informante D (faixa etária 3)	+	-	-	-	∅	∅

Fonte: Elaboração própria a partir de dados das entrevistas.

À ausência de pistas discursivas nas falas dos informantes em relação à nomenclatura para a sua sexualidade, atribuímos o símbolo ∅. Os símbolos (+) e (-), também utilizados para os outros aspectos discursivos analisados, indicam as percepções positiva e negativa, respectivamente, a respeito das alternativas.

Não é possível constatar, pelo menos no universo pesquisado, a interferência do fator faixa etária nos aspectos discursivos analisados, na medida em que não houve uniformidade entre os membros pertencentes a cada uma das faixas etárias selecionadas para a realização da pesquisa aqui apresentada. Esse fato demonstra claramente a insuficiência dos critérios de estratificação social adotados pela sociolinguística em sua vertente tradicional para a explicação/caracterização de fatos sociodiscursivos como os aqui mencionados. Através dos resultados obtidos, entendemos a necessidade de se avaliar melhor as formas de se compreender os processos de aceitação, bem como a crença em relação às nomenclaturas utilizadas para se referir à sexualidade dos informantes.

Considerações finais

As produções discursivas dos informantes parecem denunciar, num primeiro momento, que o ponto central sobre a homossexualidade está relacionado a uma perspectiva binária de aceitação própria ou de aceitação social. Entretanto, não se trata de uma tomada de decisão apenas, mas de compreender que diferentes fatores interferem nesse processo de construção e (re)conhecimento da identidade, e que estes não estão dissociados das relações de poder.

Opor-se à norma heterossexual social coloca o sujeito numa posição de marcar a distinção no campo das identidades normativas. Essa diferença, mesmo se constituindo paralelamente à identidade, pode causar o estranhamento/distanciamento daqueles que reproduzem discursos heteronormativos. As produções discursivas dos informantes aqui apresentadas são fortemente marcadas pela questão da aceitação social, mesmo quando falam de autoaceitação, pois relacionam esta última ao acolhimento do outro – pai, mãe, companheiro/a, enfim, do social.

Ainda dialogando com a perspectiva foucaultiana, compreende-se que, nas relações de poder que se estabelecem em sociedade, os grupos minoritários, e neles se incluem os homossexuais, colocam em risco a fabricação de uma ideia de estabilidade no que tange à vivência da sexualidade.

Esse jogo de relações, aparentemente externo ao sujeito, parece atravessá-lo significativamente, como apontam nossos informantes, que, a todo momento, ratificam que ser homossexual e, portanto, diferente da norma, está relacionado ao não acolhimento. Relatam ser difícil lidar com a rejeição e que talvez eleger a questão genética como tentativa para explicar a diferença seja plausível, uma vez que, se pudessem optar, talvez seguissem a norma, de modo que não haveria exclusão.

De fato, esse caminho também foi relatado nas produções discursivas quando o informante C declara ter tentado manter uma relação heterossexual, pois, dessa maneira, corresponderia à normatividade social. Tamanhos são os esforços pela aceitação que até mesmo a religião aparece como uma instância que compõe esse processo, como podemos observar na fala do informante D.

A religião, sob o ponto de vista foucaultiano, é um dispositivo de poder que, através de sua produção de verdades, visa doutrinar corpos e produzir sujeitos “obedientes” a suas doutrinações, já que ela se apresenta como dogma, como algo em que apenas se crê, sem contestações ou

questionamentos, possuindo também como marca a regulação das sexualidades e a propagação de um tipo específico de moral. Um de nossos informantes explicita o desejo de acolhimento/reconhecimento quando diz que há homossexuais que tentam seguir determinada religião com o objetivo de serem aceitos através da heterossexualidade.

O que observamos através das análises das produções discursivas de nossos informantes é que o processo de (re)conhecimento da homossexualidade traz ainda uma carga significativa de sofrimento psíquico. Por outro lado, assumir uma posição de sujeito diferente do que produz a norma (também linguística) significa construir resistência pessoal e política que rompe com modelos sociais hegemônicos, abrindo novas perspectivas de olhar sobre o assunto que podem gerar frutíferas discussões, especialmente numa cultura tão fortemente marcada pelo machismo como é a cultura sertaneja.

Referências

- AUSTIN, J. *Cómo hacer cosas con las palabras*. Barcelona: Paidós, 1998.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: MEISTER, R.; FREITAG, K. (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Edgar Blucher, 2014. p. 79-98.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 153-171.
- CHAMBERS, J. *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHESHIRE, J. Syntactic variation and beyond: gender and social class variation in the use of discourse-new markers. *Journal of Sociolinguistics*, Hoboken, v. 9, n. 4, p. 479-508, 2005.
- CRETHAR, H.; VARGAS, L. Multicultural intricacies in professional counseling. In: GREGOIRE, J.; JUNGERS, C. (Ed.). *The counselor's companion: what every beginning counselor needs to know*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2007, p. 52-71.
- ECKERT, P. *Linguistic Variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- _____. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.
- _____. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.
- ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- FERRAZ, A. *Opção ou Orientação Sexual?*. 2008. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/4123/opcao-ou-orientacao-sexual>>. Acesso em: 16 maio 2016.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 1970/2011.
- FREITAG, R.; MARTINS, M.; TAVARES, M. Bancos de Dados Sociolinguísticos do Português Brasileiro e os Estudos de Terceira Onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. Coleção Primeiros Passos, n. 26. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LOURO, G. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MENDES, R. Gênero/sexo, Variação linguística e intolerância. In: BARROS, D. (Org.). *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Mackenzie, 2011. p. 01-30.

MILROY, L. Social networks. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 573-600.

PARKER, I. Reflexive research and the grounding of analysis: social, psychology and thepsy-complex. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, v. 4, n. 4, p. 52-85, 1994.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistic*, Hoboken, v. 11, p. 478-504, 2002.

PRIBERAM da Língua Portuguesa [online], 2006.

SILVA, T. Dr. Nietzsche curricularista: com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: MOREIRA, A.; MACEDO, E. (Org.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto, 2000. p. 42-72.

VELOSO, Rafaela. In: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACION DE LINGUISTICA Y FILOLOGIA DE AMERICA LATINA, 17. *Anais...* João Pessoa: AFAL, 2014. p 1-10.

WILLIAMS, J. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

WODAK, R.; BENKE, G. Gender as a sociolinguistic variable: new perspectives on variation studies. In: COULMAN, F. (Org.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 107-126.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma construção teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-68.